

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO



Lembrando

Eu tenho saudades da «Lagrima». Dias se passam, passam-se annos, o tempo v^{oa}, celer^e, n'um interminavel circulo, ora de alegrias ora de tristezas; lagrimas se c^oam das faces, riso; se dealbam dos labios, e depois... das alegrias c^or de rosa, at^e mesmo das tristezas negrejantes, sente-se, no imo do peito, uma saudade infinda, indefinida, infinita, que asoberba toda a nossa alma e escranisa todo o nosso cora^oo.

E quanto mais o nosso cora^oo e nossa alma se objetnam n'esta concentra^oo psicologica, ora de risos, ora de lagrimas, o nosso espirito como que vae nadando n'um mar de rosas e leite, bonan^ooso, sereno, cheio de gra^oa e de do^oara, apenas

com leves ondula^oes de brisa amara, — que \acute{e} a saudade — amara e doce, na casti^oa e limada phrase do saudoso auctor das «Viagens na minha terra.»

«Mas por que tenho eu saudades da «Lagrima»?»

Porque foi uma das «*etapes*» mais azuladas da minha vida.

Que isto de azul \acute{e} tanto da Alma, que se libra nos espa^oos indefiniveis do «De-sejo, como d' Cora^oo, que se amollece, e que se submete \acute{a} s caricias irrealisaveis do Sonho!

Toda a vida humana \acute{e} um sonho.

Passa o tempo, celer^e, ligeiro, e a nossa alma vai vogando, de onda em onda, de vaga em vaga, como taboa desfeita da nau da vida, de encontro \acute{a} s syrtes da praia, — a Praia da Morte, que \acute{e} , na phrase do grande Cicero, o verdadeiro porto da Vida, o verdadeiro porto de abrigo.

Tenho saudade s^ota «Lagrima», porque a ella est^o preza uma parte da minha alma. N'ella espandi e n'ella gravi reflexos vividos d'ella. Senti, amei e ri, e na «Lagrima» consero esses effluvios do meu cora^oo e do meu espirito.

E, porque a vejo entrar no 7.^o anno, porque a vejo cheia de vida, eu que da vida tenho saudade, felicito-a, porque tambem me felicito.

J. Saramago

JOÃO DOURADO

«A Lagrima» paga hoje um tributo, que duplamente devia, á memoria de um barcellense, já extinto, que fôra um dos genios mais alegres, que Barcellos produzira em a primeira metade d'este seculo; e que, com as suas poesias, de uma publicação pos-huma, tem por vezes imprimido uma nota hilaritante nas columnas d'esta publicação.



João Bernardino Rodrigues Dourado, com cujo retrato enriquecemos hoje a galeria das illustrações d'«A Lagrima», está ali, ainda, na memoria e no coração dos velhos barcellenses, e já lhe conhecem o nome tambem os novos, que se tem rido ao lerem aquellas decimas, que he mos publica lo:

*O Lezo, de Carvoeiro,
n' Apulia se emborrachou...*

e ainda outra:

*Attesto, que o supplicante,
se tanto preciso é...*

São innumeradas as poesias ineditas do Dourado, de um tom fresco e alegre, conserva-las ainda na memoria de alguns dos velhos do seu tempo.

Filho de um abastado negociante d'esta villa, que, na phrsae de um nosso querido amigo, fôra o *Burnay* antigo de Barcellos, não quiz entregar-se ao commercio, e assentou praça em a arma de cavallaria, em que chegou ao posto de 1.º sargento, tendo de ser remisso pelo pae em antes de completar o tempo do serviço.

Voltando a Barcellos montou estabelenimento commercial, aonde a fazenda, que mais se consumia, eram gargalhadas, partidas de bisca, estudos de muzica e escolha de comedias.

Foi um dos mais apaixonados e activos iniciadores da construcção ligeira do antigo theatro das Torres, amator da arte dramatica, fazendo sempre parte do grupo de curiosos, que sustentaram os espectaculos n'aquelle theatro, e dos quaes ainda vivo o nosso velho amigo Domingos Caravana.

Apassionadíssimo pela muzica chegou a tomar

conta da regencia da banda Barcellense, de cuja orchestra era o primeiro violino; e, quando os violinos vinham de fóra para as grandes festas, tocava violão, cuja escala conhecia com proficiencia.

Sabemos *partidas* do Dourado, que são da gente se escangalhar a rir, mas que as enchanças d'este quinzenario não nos deixam trazer hoje a lume, e que reservaremos para chronicas posteriores.

Depois de exercer alguns logares de empregado publico n'esta villa, foi despachado escrivão do juizo ordinario da Povoia de Varzim, d'onde, depois de alguns annos de serviço, e tendo mesmo passado aqui em Barcellos algum tempo, foi despachado escrivão de direito para a villa de Fafe, aonde, por mais de trinta annos, desempenhou com rectidão e louvor aquelle logar, tendo sempre a maxima consideração e estima de todos os fafenses sem distincção nem d' classes nem de partidos: e, n'aquella villa pintur-seca e risonha, veio a fallecer, gracejando sempre até á morte, em o dia 17 de outubro de 1880, com 74 annos de idade.

Ao despe-lir-se de Barcellos, na sua partida para Fafe, escreveu a decima, que hoje vamos publicar, fechando esses ligeiros traços biographicos, e que tem o maior merecimento, para quem conheceu os individuos, a que ella se refere, alguns dos quaes morreram, ainda ha poucos annos.

Nunca eu a vira escripta, mas, por muito repetida que o fôra, ainda a tenho gravada na memoria:

*Para Fafe vou contar
de Barcellos maravilhas:
de duas irmãs Sevilhas
com um typo namorar:
de Philippe o murmurar:
de Thomaz, o alto rir:
do Forte, sempre a cuspir:
de Estevão, a grande massada:
do Cosme a bebericada,
com as mãos sempre a bulir.*

João Bernardino Rodrigues Dourado deixou tantas saudaes em Fafe, aonde fallecera, como ainda as nutrem por elle os amigos, que o conheceram aqui em Barcellos, aonde nasceu a nosso biographado e saudoso amigo.

Archeologo.

AGRADECE

A «Lagrima» sente-se ufana e gloriosa por ter entrado no seu 7.º anno, o que é um caso novo em Portugal succedido com publicações d'este caracter.

Deve isso ao extraordinario n.º de assignantes que tem n'esta villa, e, nuni, especialmente, á collaboração que tem gosado.

Aqui nos tem favorecido o dr. Martins Lima, poeta mimosissimo e jornalista mestre; o abbade Antonio Paes, cuja memoria, graça,

AOS PATRIOTAS

Diz-se que a typographia Barcellense está habilitada, com pessoal e material, para n'ella se executarem trabalhos concernentes á arte, com perfeição.

A LAGRIMA

talento e facilidade de escrever o tornam distincto na imprensa barcellense, de que é decano; o dr. Augusto Monteiro, o mais evidenciado sabedor de todos os novos d'esta villa; o Ayres Duarte, que nos começos do 6.º anno por aqui escreveu *piadas* com a superior habilidade de fazer rir; o Domingos Carreira, o *maestrizo* correcto; o Silva Esteves, o nosso mestre o escriptor reconhecido.

A todas, a «Lagrima», agradece

A CAMARA MUNICIPAL

«Muitos Altos, e Muito Poderosos Camaristas,
e Senhores Nossos,»

Em nome da vossa esclarecida e proficiente sabedoria, fazei retirar do lago do jardim publico aquelle *repucho*, conreisação estúpida de cacos e de cimento, e substitui-o por cousa de fórma.

No seu logar mandae mesmo pôr uma d'aquellas seringas, enormes, usadas por Junot no calor das vicorias, e, tambem, nas enrihações dos nossos avós, as quaes eram capazes de conter quartilho e meio de refrigerante clyster...

Vós, que tendes filhos e sabeis a grande influencia da esthetica na sua educação, attendei-nos.

Aquillo deve ser estanciasinha de verdura cuidada e de arte suggestiva.

Não se gastam inutilmente centos de mil reis, em figuras de louça das Caldas, feitos pelo grande Bordallo, para embellezarem o Bussaco...

Mandae substituir o repucho, ao menos por uma seringa, que as ha de gosto, e que assentará ahí tão bem, como se fosse no hemispherio carnulo do mais gordo e pesado norte-americano...

NOTAS DA QUINZENA

A mais pesada e cheia, como se fosse um lá tirado em rabeção pelo padre Villas, foi aquella de se festejar mais um anniversario da instalação do Asylo d'Infancia Desvalida no Recolhimento do Menino Deus.

Por tão fausto motivo riu a musica com as suas notas alegres; riu o dr. Sá Carneiro, riu o Faria e riu o Secundino, por verem os seus esforços em bom effeito; as flores, as creanças, as professoras, os benefitores, os visitantes, tudo riu.

Era o riso da satisfação.

*

As educandas representaram pequenas coisas.

O presidente da Commissão fez uma pequena historia d'aquella casa de Caridade.

Foi bem significante

*

Estava na occasião o sr. Antonio Azevedo e fallou.

Temos as relações cortadas com elle.

Tem o sr. Azevedo memoria e intelligencia.

Não é orador, mas não diz mal o que sabe.

Falta-lhe, porém, um guia seguro nos seus trabalhos, filho isso da ausencia de uma orientação litteraria fixa.

Temos notado isso varias vezes.

No Recolhimento o sr. Azevedo referiu-se a Luthero, dizendo que a elle se deve a mulher ter sahido da sua torpe sensualidade.

Sem paixão religiosa, mas com a historia insuspeita na mão, dizemos-lhe que está enganado.

Isso que disse, devia necessariamente ser da obra de Jesus.

... Mesmo porque o sr. Azevedo não lhe convinha, sensuto, embora se permittam essas liberdades, fallar n'uma casa do Menino Deus, d'um individuo, que, bastantes seculos depois, se revoltou contra o seu vigario na terra, com reformeas.

Mais nos feriu o timpano a descriptiva de beijos sensuaes.

O sr. Azevedo devia fallar para creanças.

... Contar-lhes do Menino Jesus, perdido, com os cabellos soltos á brisa da Palestina; o destaque da sua figura infantil, no meio de doutores; a sua fugida para o Egypto, em cima de uma jumentinha, nos braços de sua meiga mãe.

Depois, andava bem passear a attenção das meninas pelo paiz das fadas, da illusão; maravilha-las com a pintura magica dos jardins suspensos da Babilonia; entretel-as com aquella passagem do passarinho e do frade, na mansão monastica de Areias do Villar, que é a cousa mais gentil e mais mimosa que temos ouvido da nossa terra.

... Fôra d'isto cahia qualquer orador.

As creanças «tenras e ternas» não percebem phrases como esta do sr. Azevedo: *Sahir da miseria para entrar no Asylo, é o mesmo que vir do inferno para o Céu*, assim como não podiam perceber a do poema «Catharina d'Athayde»: *Voltar do exilio á Patria, é vir do inferno ao Céu!*

O Ignacio Barge, barbeiro que foi, d'esta villa, pac do artifice sr. Francisco Carvalho, do insigne Vergelim e do mui digno e illustrado cabo do 2.º do 20 o sr. Joaquim de Carvalho, foi aqui apreciado pelas innumeradas partidas que fez, principalmente durante as epochas de Entrudo, e ainda pelos ditos fins, que tinha.

Um dia, na loja de fazendas do sr. Anselmo, viu elle, n'uns apuros de dinheiro, um importante lavrador, seu conhecido, e dirigiu-se-lhe assim:

A LAGRIMA

—«Não se afflija, amigo, eu vou a casa e sirvo-o já.»

E dito e feito; d'ahi a minutos, acompanhando de dous filhinhos, pela mão, apparecia no estabelecimento referido e, virando-se para o homem do campo e apontando para as creanças, disse:

—«Sr. aqui estão *dous saccos* onde tenho mettido *pela bocca* muitos centos de mil reis; faça favor de lhe metter a mão dentro e tirar o *oago* que precisa.»

Eram uns *saccos*, mas rotos por baixo...

Pousa todas as quinta-feiras, ali proximo ao nicho do Senhor dos Afflictos, em frente á tasca do Feliciano § C.^a, um mediano industrial, com a sua fazenda, amostra, o qual é um misto de boa-fé e de crença.

Nos apuros da sua vida tem elle por costume agarrar-se a quantos santos ha por este orbe terraqueo, sejam de papel ou de gesso, de chumbo ou de pau.

E não lhe bastam sómente estes, tambem evoca os celestes, a fim de que todos elles o protejam nas suas petições mundanas, ainda as mais exquisitas.

Só porque a predilecta do seu coração—uma rapariga cuja carne daria alimento a cinco familias de anthrophophagos—lhe não correspondia ao amor, rogou ao santo que o aturava nos seus desesperos, sem um gesto, sequer, de enfado, que o auxiliasse na empreza.

Como nada, n'este mundo de sentimentos metalizados, se faz sem interesse, entendeu o nosso homem que devia pagar ao seu advogado celeste...

Uma noite, diante do oratorio, ouviu-se-lhe esta supplica:

—«...Protegei-me, porque se eu for bem succedido dou-vos uma vella da grossura das coixas da minha irmã Rosa.»

Um grande coração e um grande bruto!..

Um industrial muito conhecido em Barcellos pela sua habilidade na arte de carpinteria e marcenaria, e tambem pela fina pilheria, que lhe é facil, via-se, ha dias, seriamente embaraçado em saber a razão por que ha presentemente tanta falta de dinheiro, quando devia haver muito, pois se está a fabricar constantemente...

No entanto, na lucta pela vida—o nosso amigo—estava habilitado a dizer que, ha annos a esta parte, se via menos.

Pois isto é um mal—acrescentava—e para os grandes males, grandes remedios.

Ora se n'esta altura apparece um barcellense, junto com outros, a fabricar dinheiro e a distribuil-o a esmo, prendem-n'o e, necessariamente, vão condemnal-o, quando é um benemerito.

E rematava a conversa, assim:

Para o mal das bexigas, a vaccina; para a coqueluche o soro anti-diphtherico; para a falta de dinheiro, dinheiro!..

Tem razão, por um lado, amigo, mas, por outro, não—porque a sociedade, fabricante de notas, não tinha estatutos approvados pelo governo...

O novo quartel dos Bombeiros é, depois da imagem do Senhor dos Passos, digno de mostrar-se e ser visto.

Ha dias, n'um grupo, um *brazileiro* novo, calça larga e flor na lapella, elogiava-o e perguntava se o salão do rez-do-chão—destinado ao material—era para o bilhar.

O bilhar tinha lugar escolhido no 1.^o andar, affirmára o 1.^o commandante.

Então, entendia e dizia o nosso homem, que o referido ponto do predio era, naturalmente, alugado para commercio.

—«*Sim*, dissera-lhe o commandante, e as bombas vão para cima do telhado»...

Roteiro auxiliar do viajante em Lisboa.—Os que nunca foram á capital, e tencionam lá ir, mandam 100 reis á Typographia Auxiliar, de Coimbra, para lhes ser remettido, na volta do correio, um livrinho portatil, com o titulo que nos serve de epigraphe. Desde o ablativo de viagem, sahida de casa, visita aos monumentos dignos d'ella, passio em carro, ou a pé, economia, até o regresso aos *penaes*, qualquer cidadão ou *cidadão* lê ou... ainda lê no Roteiro porque a esse respeito lá encontra indicações.

Agradecemos o exemplar.

—Quem quizer andar ahi nas *pontinhas*, com muito ou pouco luxo, envia 1:100 reis, á casa Guillaud, Aillaud & C.^a, sita na rua Aurea, 242 1.^o, e é-lhe enviada, durante 3 mezes, a mais perfeita de todas as publicações portuguezas no seu genero—*A Moda Illustrada*, de Lisboa.

A Arte Livre.—Continua visitar-nos, casualmente vestida, no tocante á parte litteraria. E' dirigida por Azevedo Coutinho e Arthur Esmeriz, o que equivale a dizer que Braga não pode envergonhar-se de a ter.

Crenga de Letras.—Sae do Collegio de S. Damaso, de Guimarães. E' artistica a maneira como no ultimo n.^o se accusa a recepção de publicações litterarias, em poucas linhas.

E' dizer muito e em pouco.

Hoje muzica no jardim das 6 ás 9 da tarde. (Banda Barcellense). Quinta-feira, das 6 ás 9 da tarde. (Banda dos Voluntarios).

Typographia Barcellense
Responsavel—J. Gonçalves da Silva.

A 1:200, 1:400 e 2:000 reis

Faz-se com gosto e arte o milheiro de facturas na typographia Barcellense, cujo custo está relativo ao seu tamanho. Nos preços que se indicam não está incluido o papel.